



POLESSO, Natalia Borges. **Controle.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Luis Eduardo Veloso Garcia¹

RESUMO:

Lançado em 2019, o livro *Controle* é a primeira experiência da escritora gaúcha Natalia Borges Polessa pelos caminhos do romance após algumas tentativas na poesia e, com grande sucesso, nos contos, incluindo nesse gênero premiações do quilate de um Prêmio Açorianos (vencedora na categoria “Contos” em 2013 pelo livro *Recortes* para álbum de fotografia sem gente) e um Prêmio Jabuti (em 2016 com o livro *Amora* na categoria “Contos e Crônicas”).

¹ Doutor em Estudos Literários pela Unesp-Araraquara. E-mail: luis.garcia@uenp.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3467-2561> . É professor titular da Universidade Estadual do Norte do Paraná.

Lançado em 2019, o livro *Controle* é a primeira experiência da escritora gaúcha Natalia Borges Polessio pelos caminhos do romance após algumas tentativas na poesia e, com grande sucesso, nos contos, incluindo nesse gênero premiações do quilate de um Prêmio Açorianos (vencedora na categoria “Contos” em 2013 pelo livro *Recortes para álbum de fotografia sem gente*) e um Prêmio Jabuti (em 2016 com o livro *Amora* na categoria “Contos e Crônicas”).

Como a contista de mão cheia que é, temos nesta estreia diversas características do gênero que não se desprendem na tentativa de romance, como os capítulos curtos que carregam títulos significativos e, também, uma unidade própria nesses capítulos em que podem ganhar a possibilidade de serem lidos individualmente com impacto. Tais características remetem a mesma situação que passaram outros nomes da literatura brasileira contemporânea em suas incursões iniciais no romance, como é o caso de Marcelino Freire em *Nossos Ossos*, João Anzanello Carrascoza em *Aos 7 e aos 40*, e Veronica Stigger em *Opisanie Swiata*.

Assim como em todas as suas obras anteriores, a autora encara com habilidade e categoria a temática das relações homoafetivas entre mulheres, buscando na construção da personagem Maria Fernanda reflexões sobre a condição de mulher e lésbica em um país como o Brasil. Para quem espera uma literatura “brutalista” (recorrendo ao termo levantado por Alfredo Bosi no texto “Os estudos literários na Era dos Extremos”) que traga representada a violência cada vez maior a comunidade LGBTQIA+ em nossa sociedade, não encontrarão isso em suas obras, afinal, Polessio prefere apostar na delicadeza e força dos afetos que podem ser construídos em tais relações.

Obviamente, isso não significa que ela não discuta as opressões claras que sofrem as mulheres, principalmente nessa condição, por isso, torna-se interessante nos debruçarmos na escolha do título do livro e de que forma ela o explora: *Controle*.

A vida de Maria Fernanda é controle. Tudo que ela deseja é não precisar ser controlada.

Temos, primeiramente, o controle das decisões que toma sendo pautadas pela situação de ser mulher que deseja outra mulher e, exatamente pelo medo dos julgamentos de uma sociedade preconceituosa, vai anulando esse desejo desde o momento que ele se torna claro na pré-adolescência da personagem – tal situação é retratada já no primeiro capítulo do livro chamado “Desordem”. A mulher que, conseqüentemente, quebra a absurda opressão de uma ordem patriarcal, estará confrontando o controle que exigem dela e, por isso mesmo, estará, no olhar mesquinho de quem julga, abraçando a desordem.

Importante ressaltar que esse conflito com o seu próprio desejo dará o tom de todo o livro, em uma tentativa – obviamente vã – de negar aquilo que sente por sua melhor amiga Joana. É no olhar para Joana que a personagem principal encontra sua desordem e, também, sua vontade de movimento, de sair da situação em que se encontra. A liberdade para afirmar o que sente de Joana funciona como um espelho invertido que emana um golpe profundo para a toda controlada Maria Fernanda.

Conseqüentemente, vem da própria Joana a fala que abraça a desordem e deixa Maria Fernanda sem chão: “- Tu queria que a vida fosse um liga-pontos idiota? Não é melhor que seja, sei lá, esse labirinto? Ao menos a gente se perde um pouco, se ajuda a encontrar os caminhos, fica triste com algum muro e feliz com passagens secretas” (POLESSO, 2019, p.72-73).

Outra situação central do livro que exige um controle da protagonista que ela não consegue lidar é sua epilepsia, descoberta no início da pré-adolescência e que vai impor barreiras para vontades e desejos no decorrer de toda sua vida, desde a impossibilidade de ir para uma universidade, até a própria questão das relações afetivas, afinal, ela começa a se enxergar como um fardo para os pais e amigos.

Algo como a epilepsia, que faz alguém perder o controle de suas próprias faculdades físicas e que exige enorme regulação de seus atos para se manter, conseqüentemente, o controle de si próprio, dá um peso ainda maior para Maria Fernanda, que tanto deseja a liberdade de não ter controle nenhum, que tanto deseja uma desordem, que tanto deseja uma... “nova ordem”.

Sim, é na banda New Order que a protagonista baseará diversos reflexos de sua personalidade se alimentando das mensagens que as canções trazem, banda essa que, como não podera deixar de ser, é uma paixão em comum dividida com Joana.

Dentro do livro, Natalia Borges Polesso destaca essa importância do grupo na vida de Maria Fernanda não só pela opção de recortar trechos das canções com o intuito de representar escolhas e situações confrontadas por ela, mas, também, pelos títulos dos capítulos que são, obviamente, referências a títulos de canções da banda (e do Joy Division, grupo que originou o New Order).

Ainda no que se refere a representação literária da epilepsia, podemos traçar um paralelo com a clássica obra *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, que tem em seu protagonista, o jovem André, alguém que sofre com a epilepsia. No entanto, a similaridade mais profunda a ser compreendida entre ambos os livros é sua característica neobarroca (termo teorizado com precisão por nomes como Irlemar Chiampi e Severo Sarduy), pois vê-se claramente a angústia das duas personagens centrais em tentar afirmar os próprios desejos em uma sociedade que tenta, a todo custo, anular tais vontades.

A mesma tristeza de se considerar desordem em um mundo que exige ordem é sentida por André e por Maria Fernanda. A mesma reação de se soltar da família para confirmar os desejos próprios é vista em Maria Fernanda e André. Em *Lavoura Arcaica*, existe o retorno para confirmar a punição de André que ousou confrontar a ordem pré-estabelecida. Em *Controle*, o livro encerra no momento que Maria Fernanda faz seu ato mais transgressor dessa ordem.

Termina-se na dúvida de como será seu retorno e, conseqüentemente, como ela irá lidar com as possíveis punições – muitas vezes, simbolizadas na sensação de culpa e arrependimento tão caras aos neobarrocos – ou a todos nós que vivemos em uma sociedade neobarroca?

Se a culpa e o arrependimento é uma característica de nossa época, para uma mulher, lésbica e, ainda por cima, epilética, tais sensações se maximizam, fazendo de Maria Fernanda uma personagem potente para entender tais conflitos que essas condições emanam e, principalmente, uma figura importante para entendermos que somos desordem e que a sociedade que exige controle é aquela que anula as vontades de todos, afinal, como nos deixa claro a protagonista, a vida com todos os passos pautados e controlados é uma grande ilusão: "Sei que a vida era essa substância, massa amorfa, espalhada, rala num canto, densa noutro. Eu não tinha muito pra colocar nos sulcos que apareciam" (POLESSO, 2019, p.69)

Referências

BOSI, Alfredo. “Os estudos literários na era dos extremos”. In: **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHIAMPI, Irlemar. **Barroco y modernidad**. México: FCE, 2000.

NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SARDUY, Severo. “O barroco e o neobarroco” (1972). In: FERNÁNDEZ MORENO, César (ed.). **América Latina em sua literatura**. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva/Unesco, 1979.